

APRESENTAÇÃO

Mais um número da Revista NERA é lançado e, portanto, mais uma vez tem-se no amplo debate dos paradigmas e disputas territoriais no ambiente acadêmico um avanço na luta da Memória contra o Esquecimento. Assim, o 25º número da Revista NERA, composto por nove artigos e duas resenhas, apresenta não somente uma ampla quantidade de discussões modernas e questões caras aos que se silenciam e se furtam ao debate da Questão Agrária nas investigações acadêmicas, mas também temas múltiplos e uma ampla pluralidade de contextos e escalas. Um olhar holístico sobre este número nos permitiria não só observar a multiplicidade dos processos no Brasil e na América do Sul, mas também as potencialidades e as ricas e intrigantes produções acadêmicas sobre o mundo agrário, que neste número compreende agronegócio, reforma agrária, campesinato, conflito, políticas públicas, quilombolas, movimentos socioterritoriais, etc. e cujos resultados são artigos com arcabouços teórico-metodológicos interessantes e, conseqüentemente, questões relevantes para nossas pesquisas diárias e trabalho nos ambientes pedagógicos, especialmente pela linguagem acessível.

No artigo *Manifestaciones de la cuestión agraria en Uruguay*, como um dos produtos teóricos e analíticos do projeto de cooperação Internacional “Questão agrária e desenvolvimento territorial rural no Brasil e no Uruguai” entre a UNESP e a UDELAR, Rita Bruschi apresenta uma leitura sobre a questão agrária uruguaia dando especial destaque para as formas de luta omitidas pelo discurso dominante. A principal contribuição de sua abordagem, cujos pilares destacam o histórico de conflitos e construção de riquezas em detrimento de setores subalternos e movimentos socioterritoriais, é oferecer ao leitor uma reflexão acessível e que esteja de acordo com a história e geografia dos conflitos no Uruguai (laborais, ambientais, por terra, água e entre setores socioeconômicos). Assim o faz, contemplando tanto elementos quantitativos quanto qualitativos, rompendo com as velhas dicotomias, como parte de olhar maduro apinhado de conceitos geográficos sobre o mundo agrário e, especialmente, a questão da terra no Uruguai.

O autor José Renato Sant’Anna Porto no artigo intitulado *O discurso do agronegócio: modernidade e “verdade”* apresenta uma questão atual e que muito contribui para compreendermos os meios e perspectivas dos agentes formuladores do discurso do agronegócio brasileiro. Tomando as intensas transformações contemporâneas no campo, promovidas pelo agronegócio, o autor apresenta uma interessante leitura sobre a remodelação e produção de um discurso amparado em diversos argumentos (sustentabilidade, modernidade, desenvolvimento, etc.) para dar sustentação às práticas e aceitação pública do agronegócio. Ademais, o autor apresenta também duas questões interessante na análise do discurso criado, sendo a primeira o Estado que passa de epicentro dos problemas para o salvador da lavoura e, segundo, a modernização como uma panaceia para a agricultura e para o agricultor familiar.

No artigo *Encontros e Desencontros: fronteira, agronegócio da soja e campesinato no Planalto Santareno (PA)*, João Santos Nahum e Paulo Roberto Carneiro da Paixão Junior analisam os impactos do agronegócio sojeiro a partir de 1994 em Santarém, Jenipapo e Belterra no estado do Pará dando especial enfoque para sua relação com o campesinato. Aqui, “*Encontros e desencontros*” tem significativo potencial explicativo, especialmente por se tratar tanto da chegada do agronegócio e da partida do campesinato quanto também do desencontro do gênero

de vida com a lógica de produção ditada pelo agronegócio. Por fim, a temática, abordada e tratada aos auspícios da requintada e selecionada bibliografia, surge-nos como instigante e intrigante pelos diferentes encontros de lógicas tempo-espaciais distintas que tem configurado a fronteira no estado do Pará e na Amazônia.

Douglas Cristian Coelho e João Edmilson Fabrini, tendo como pano de fundo a expansão do agronegócio, em *Produção de subsistência e autoconsumo no contexto de expansão do agronegócio* analisam a produção de subsistência e autoconsumo no município de Pato Bragado (PR) à luz de clássicos da literatura universal e nacionais do mundo agrário. A riqueza teórica nesta análise torna-se ainda mais clara e importante, especialmente, pelo encontro e tensionamento dos respectivos potenciais explicativos perante a realidade atual e seus novos elementos, sendo assim a abordagem de autores clássicos internacionais como Chayanov, Kautsky, Lênin e Wolf, encontram-se com elementos e processos atuais que transbordam a literatura e, portanto, demandam novas reflexões teóricas por meio de imediato contato com a realidade. Ademais às reflexões teóricas, constata-se também que apesar do processo de espacialização e territorialização do agronegócio, com sua lógica homogeneizadora e hegemônica, o campesinato tem conseguido, através de formas de resistência e recriação, se manter no campo. Parcela significativa deste processo refere-se tanto à lógica contraditória do agronegócio no campo que simultaneamente promove o fim e a recriação do campesinato, quanto também à produção de subsistência e autoconsumo que caracteriza-se como importante forma de resistência.

Tendo como pano de fundo uma abordagem sobre dois municípios em estados historicamente marcados pela expressiva concentração de terras e pelos latifúndios da pecuária e, na atualidade, pela forte expansão da monocultura para produção de *commodities* (soja, cana-de-açúcar e eucalipto), Mariele de Oliveira Silva e Rosimeire Aparecida de Almeida buscam compreender os desdobramentos tanto das políticas públicas quanto do avanço do agronegócio, com o cerco do monocultivo, para com o campesinato. Assim, o artigo *Reforma Agrária nos municípios de Cáceres/MT e Selvíria/MS: agronegócio, subordinação e emancipação camponesa* apresenta-se como uma interessante análise para se pensar experiências de integração/subordinação, resistência e emancipação do campesinato assentado.

A disputa territorial entre o agronegócio e os assentamentos de reforma agrária é discussão central de Rafael de Oliveira Coelho dos Santos no artigo *A expansão do agronegócio sobre os assentamentos da reforma agrária: o caso do PA Fazenda Primavera (Andradina-SP)*. Nesta abordagem, sobre uma temática extremamente pertinente para se analisar o presente e pensar o futuro das políticas de reforma agrária no Brasil, o autor busca analisar fatores, especialmente a emancipação dos assentamentos e a insuficiência de políticas públicas, que interferem e criam condições para acirrar e tensionar ainda mais a disputa territorial.

Outra questão extremamente relevante nos é oferecida por Vinicius Rocha Leite, Marco Antonio Pedlowski e Ludmila Neves. Diante das poucas pesquisas sobre os efeitos da criação de assentamentos rurais de reforma agrária na Mata Atlântica, dos poucos e majoritariamente inconclusivos resultados de suas repercussões globais e da importância de se realizar uma análise sob o marco de integração da visão ambiental e social, o artigo *Assentamentos de Reforma Agrária como agentes de recuperação da cobertura vegetal em paisagens degradadas de Mata Atlântica na Região Norte Fluminense*, a partir de uma metodologia sólida, nos

traz uma avaliação da dinâmica da cobertura vegetal e uso da terra nas regiões onde estão localizados ambos os assentamentos de reforma agrária no Norte Fluminense e, conseqüentemente, as mudanças decorrentes dos respectivos modelos de exploração da terra. O caminho percorrido pelos autores, dentre outros elementos e detalhes corroboram críticas atuais e pertinentes que sinalizam o significativo potencial dos assentamentos com suporte para a sustentação de sistemas policulturais na recuperação da dinâmica natural da paisagem.

Os autores Rafael Navas, Andréa Yumi Sugishita Kanikadan, Kátia Maria Pacheco dos Santos e Maria Elisa de Paula Eduardo Garavello apresentam uma reflexão sobre políticas públicas e comunidades tradicionais, especificamente quilombolas. O artigo *Políticas públicas e comunidades tradicionais: uma análise dos projetos de desenvolvimento local sustentável na Mata Atlântica* busca assim discutir e avaliar tanto os desdobramentos do resultado de uma política pública na comunidade remanescente de quilombo Mandira em Cananéia (SP) quanto também às diversas atividades realizadas na comunidade (manejo florestal, agricultura de subsistência, agroecologia, cultivo da *crassostrea brasiliana*, etc.).

No artigo *Um processo de capacitação de jovens e adultos remanescentes de quilombolas dos Caetanos de Capuan, Caucaia* – Ceará, Simone Fernandes Soares faz uma análise sobre a importância da educação como prática social e na construção histórica da sociedade. A autora parte da discussão dos diversos aspectos da Educação do Campo, assim valorizando os espaços não formais de educação e as formações dos movimentos sociais (como práticas políticas, econômicas, etc.), e analisa a apropriação desta pelo *Projeto de fortalecimento da agricultura familiar, através da capacitação social de jovens e adultos agricultores* na comunidade remanescente de quilombolas dos Caetanos de Capuan em Caucaia no estado do Ceará.

Ademais, este volume da revista Nera conta também com resenhas de dois livros atuais: *Políticas fundiárias no Brasil: uma análise geohistórica da governança da terra no Brasil* de Lorena Izá Pereira; e *A dialética da agroecologia: contribuição para um mundo com alimentos sem veneno* de Leandro Nieves Ribeiro. Ambas as obras, além de atuais, apresentam elementos e reflexões de extrema relevância para se compreender a atualidade e também significativo potencial de uso pedagógico.

Por fim, a Revista NERA registra aqui sinceros agradecimentos aos autores, pareceristas e a toda equipe de trabalho pelas respectivas contribuições e dedicação com a revista e torna público também o convite para submissão de novos artigos, resenhas e notas para os próximos volumes. Aos leitores e pesquisadores, aos camponeses e aos povos indígenas e/ou tradicionais dos campos e das florestas fica também nosso agradecimento por serem a essência da Revista NERA.

Bom trabalho e boa leitura!

José Sobreiro Filho
Editor da Revista NERA